



RELAÇÕES HUMANAS: A TRAIÇÃO EM KALILA E DIMNA

Victor Brito Pessotti

Graduado em História – UFES

RESUMO: Desde o surgimento do homem uma gama de sentimentos os cercam e estes são comuns às pessoas em todos os tempos e em todos os lugares, dentre estes estão o amor, a raiva, a tristeza, a felicidade e aquele que, talvez, venha a ser o mais importante à nossa sobrevivência, o medo. O medo faz parte do nosso mecanismo de defesa e é composto por uma série de temeres que possuímos, temos medo da morte, do desconhecido, do diferente e medo de sermos traídos. Este medo da traição gerou uma série de obras literárias que abordam o assunto de diferentes formas, dentre estas se destaca a obra sânscrita de autor desconhecido, Kalila e Dimna.

Palavras-chave: Traição; Literatura; Humanidade.

ABSTRACT: Since the rise of man a range of feelings around the man the a se are common to people in all times and in AL lplaces, among these are Love, anger, sadness, happiness and that, perhaps, Will be the most important to our survival, the fear. Fear is part of our defense mechanismand consists of a series off earhim we have, we are afraid of death, the unknown, the different, fear of being be trayed. This fear of betrayal há s generated a number of literary works that address theissue in different ways, among them stands out the sanskrit work of Unknown author, Kalila and Dimna.

Keywords: Betrayal; Literature; Humanity.

Introdução

Tão velha quanto a humanidade é a história da traição humana, relação essa que segue paralelamente a nossa história desde o princípio e que, desde sempre, assombra o imaginário dos indivíduos de todas as escalas sociais.

A traição é um tema, provavelmente, recorrente na literatura de todas as culturas conhecidas pelo homem, sendo extensivamente abordada em diversas obras como: o *Conto dos dois irmãos*, conto egípcio, do final da XIX dinastia, onde uma esposa tenta trair o marido ao se insinuar ao irmão caçula deste e depois acusa o irmão do marido de tentar possuí-la a força; outro exemplo é o da obra homérica, *Ilíada*, que nos apresenta a fuga de Helena de Esparta com Páris de Tróia. Podemos, ainda, citar o caso do mito japonês do casal divino *Izanagi e Izanami* onde Izanami manda seus filhos demônios atacarem Izanagi que havia ido ao Yomi [submundo] para buscá-la, “[...] sua mulher já fazia parte de um mundo que não era o dele e dava à luz filhos que só trariam ao mundo morte, aniquilamento e destruição [...] ela vociferou em fúria e, voltando-se às bruxas guardiãs, ordenou [...] cacem-no!” (SEGANFREDO, 2011, p.74). Além deste, temos o *mito asteca* de Coatlicue, mãe de Huitzilopochtli, que quase foi assassinada por seus outros filhos, acusada de adultério, “[...] nascendo armado com sua ‘serpente de fogo’, expulsou seus irmãos e sua irmã, do mesmo modo como o Sol dissipa a noite e apaga as estrelas” (SOUSTELLE, 1990, p.124). Acreditamos que a mais famosa história de traição conhecida em nosso ocidente cristão seja o mito de Caim e Abel, na qual Caim matou Abel por ciúme de como Javé recebera a oferenda de seu irmão caçula. “[...] Caim disse a seu irmão Abel: ‘Saíamos’. E, como estavam no campo, Caim se lançou sobre seu irmão Abel e o matou” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p.39)

Talvez a obra que melhor exprima o medo e a intensidade da repulsa que nós, humanos, sentimos pela traição seja *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, escrita no século XIV, onde, em sua primeira parte, Dante e Virgílio nos apresentam o inferno com seus nove círculos – círculos estes criados com o impacto da queda de Lúcifer, ao ser expulso do paraíso por Deus – sendo cada círculo para um pecado, quanto mais fundo, pior o pecado. O último círculo, aquele na qual se encontra Lúcifer, é destinado aos traidores em geral. “Estão Dante e Virgílio no fundo do

fosso: o nono e último círculo do inferno, onde são punidos os traidores [...]” (ALIGHIERI, Dante, 1998, p.211)

Não podemos nos esquecer, é claro, da célebre obra de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, que até os dias de hoje nos entrega com a clássica pergunta, afinal, Capitú traiu ou não Bento?

No mundo islâmico se destacam duas excelentes obras que abordam o tema referido, uma destas é o *Livro das mil e uma noites*, de autor desconhecido, na qual o rei sassânida [Índia e Indochina], Shahriyaar, após ser traído por sua esposa e descobrir que nem mesmo os Djins [gênios] são capazes de se livrarem do adultério de suas mulheres, decide então casar-se todos os dias com uma mulher, consumir o casamento naquela noite e executá-la na manhã seguinte até se casar com Shahrzaad que, cada noite começa uma história e a termina na noite seguinte se mantendo, assim, viva. “[...] o destino não pode ser evitado nem nada pode impedi-lo, nem que, quando a mulher deseja alguma coisa, ninguém pode impedi-la” (*Livro das mil e uma noites*, 2006, p.48).

Tanto o “*Livro das mil e uma noites*” quanto o “*Kalila e Dimna*”, a segunda excelente obra conhecida no mundo islâmico, fazem parte de uma série de obras que seguem o mesmo gênero denominado huraafaat [fábulas], asmaah [narrativas noturnas] e ahbaar [crônicas], que, segundo Mamede Mustafa Jarouche, se caracterizam pela utilização dos mathalum [paradigmas ou histórias exemplares].

A traição

A melhor definição para “traição” como um sentimento temido pelo homem em qualquer período histórico e em qualquer região que possua vida humana, é a definição jurídica na qual traição significa tornar óbvio e evidente aquilo que se queria ocultar. A traição é muito relacionada ao adultério [que não deixa de ser uma traição].

Kalila e Dimna

Como já mencionado anteriormente, a outra obra islâmica que se destaca na abordagem da traição é *Kalila e Dimna*, também de autor desconhecido, obra esta que será, aqui, apresentada e analisada.

Sabe-se que *Kalila e Dimna* fora traduzido do sânscrito ao árabe por volta do século VIII por Abdullah Ibn Almuqaffa e que esta obra chegara à Baghda por meio de um serviço de espionagem do próprio tradutor.

Esta obra trata-se de um compilamento de paradigmas em forma de fábulas que compõem, na história, dois universos presos um ao outro, um macrouniverso que narra a história central e um microuniverso que narra histórias apresentadas dentro da história central.

Desta forma, como o tema central deste estudo é a traição, o primeiro e principal capítulo da obra, “O Leão e o Touro” é o mais apropriado para ser analisado.

O capítulo “O leão e o touro” é quase que inteiramente o debate entre dois chacais gêmeos, Kalila e Dimna, que são extremamente inteligentes e cultos, porém, veem o mundo e as ações neste mundo de forma diferente. Enquanto Kalila é mais prudente e acredita que o universo rege a grande orquestra da vida e que cada indivíduo tem o seu lugar nesta ordem maior, Dimna acredita que cada indivíduo tem um potencial específico dentro de si e que o seu lugar nesta ordem maior deve se dar pela competência e pelas ações de cada indivíduo mesmo que seja necessário a utilização de artimanhas, ou seja, enquanto o primeiro acredita no equilíbrio natural das coisas, o segundo é defensor da pró-atividade.

O macrouniverso deste primeiro capítulo da obra gira em torno de Dimna achar que tanto ele quanto o seu irmão, devido suas competências, merecem ascender na hierarquia do reino do leão e que para isso, tanto ele quanto Kalila deveriam fazer alguma coisa para mostrar ao rei o seu valor e, assim, cair nas graças do monarca. Porém Kalila é contra essa próatividade do irmão e tenta convencê-lo a deixar as coisas fluírem naturalmente, pois, se eles realmente forem merecedores desta graça – ascensão no reino do leão –isso ocorrerá naturalmente e para defender seus argumentos, Kalila utiliza de fábulas [que entram no microuniverso deste capítulo], mas Dimna, irredutível como uma característica de muitos gênios, rebate os argumentos com outras fábulas, tão válidas quanto a do irmão. Essas fábulas geram um equilíbrio impressionante entre os argumentos dos irmãos, colocando o leitor, realmente, para refletir o assunto.

Para melhor entender como se dão estes microuniversos na obra, foram destacadas algumas destas fábulas como a do paradoxo do mercador de ferro e seu conhecido, contado por Kalila a Dimna.

Conta-se que havia na terra de Mardat um mercador pobre que teve de ir atrás de certo interesse; como possuísse seiscentos quilos de ferro, depositou-os na casa de um conhecido e viajou para cuidar de seu assunto. Quando voltou, foi buscar, mas o conhecido, que o vendera e gastara o seu valor, disse-lhe: 'eu havia deixado naquele lado da casa, e então os ratos comeram'. O mercador respondeu: 'com efeito, eu já tive a informação de que nada corta melhor o ferro do que dente de rato. Trata-se, além do mais, de um prejuízo fácil de suportar quando Deus te deixa bem'. O conhecido alegrou-se com o que ouviu e disse: 'vem hoje beber comigo'; o mercador prometeu que viria e saiu levando um filho pequeno do homem; escondeu-o em sua casa e depois voltou; puseram-se a beber até que o homem se lembrou do filho e começou a procurá-lo. Perguntou então ao mercador: 'acaso viste meu filho?' Respondeu o mercador: 'quando me aproximava daqui, vi um falcão carregando um menino; talvez seja teu filho'. O homem gritou e disse: 'ó testemunhas! acaso alguém já ouviu algo igual?' Respondeu o mercador: 'em terra cujos ratos comem seiscentos quilos de ferro, não é exagerado que falcões carreguem elefantes'. Disse o homem: 'fui eu que comi o teu ferro e, fazendo-o, introduzi veneno em meu interior; devolve meu filho e eu devolverei o que roubei de ti e o que tinhas guardado comigo'. E assim fizeram. (ALMUQAFFA, 2005, p.90)

Neste paradoxo podemos ver, claramente, que se trata de uma traição entre amigos. O interessante de se analisar este tipo de obra é que elas sempre têm um desfecho, seja para o lado que imaginamos, seja para um lado completamente diferente, o que poderia ser interpretado como uma intervenção do universo.

Outro paradoxo, tão interessante quanto o do mercador de ferro e seu conhecido, porém, desta vez contado por Dimna ao juiz da corte do leão, é o do sátrapa, sua mulher e seu falcoeiro.

Contam que um sátrapa da cidade de Farawat tinha uma mulher formosa e inteligente, e também um servo falcoeiro que se apaixonara pela mulher e lhe fazia constantes ofertas, mas, como ela não lhe desse a menor atenção, ele passou a alimentar o desejo de difamá-la. Assim, tendo saído de uma feita para caçar, capturou dois filhotes de papagaio, construiu-lhes um ninho e ensinou um deles a dizer: "vi o porteiro deitado na cama com minha patroa" e o outro a dizer: "quanto a mim, cala-te a boca". Os dois filhotes decoraram as frases em dialeto bactriano, desconhecido pelo povo da cidade. Certo dia, enquanto seu patrão bebia, o falcoeiro levou-lhe as aves, e ambas se puseram a taramelar as frases diante dele. Admirado com aquela repetição de sons, sem no entanto compreender nada do que elas diziam, o sátrapa ordenou à esposa que cuidasse dos filhotes e lhes desse boa acolhida, e passou a dispensar ao rapaz excelente e gentil tratamento. Quando os papagaios já estavam com ele havia algum tempo, o sátrapa recebeu a visita de alguns nobres da Bactriana, e preparou-lhes comida e bebida. Depois que se alimentaram, o sátrapa ordenou que os filhotes fossem trazidos a fim de proporcionar diversão às visitas; as aves produziram lá o os seus sons, e os nobres, ao ouvirem tal palrear,

entrelharam-se e abaixaram a cabeça, envergonhados; depois disseram-lhe: “acaso sabes o que eles dizem?” Respondeu: “não, só sei que me agrada”. Um dos nobres lhe disse: “não te aborrecerás conosco se te contarmos? Um deles afirma, no dialeto bactriano, que o porteiro fornicava com a tua mulher; e o outro diz: ‘quanto a mim, cala-te boca’. E não faz parte de nossos hábitos tomar alimentos na casa de um homem cuja mulher é adúltera”. Nesse momento, o falcoeiro gritou lá de fora: “eu sou testemunha de que os filhotes dizem a verdade, pois eu presenciei tal fato mais de uma vez”. Então, o sátrapa ordenou que sua mulher fosse morta, e ela mandou dizer-lhe: “examina bem o que te foi dito, e então ficará evidente quem é o celerado mentiroso. Ordena a esses nobres que façam perguntas às aves e verifiquem se, porventura, elas sabem ou dominam, do dialeto bactriano, mais do que essas duas frases; assim fazendo, vós sabereis que isso lhes foi ensinado pelo falcoeiro, que tentou seduzir-me, mas eu o repeli” o sátrapa assim fez: os nobres dirigiram a palavra às aves, e eu que aquelas duas frases eram as únicas que eles conheciam. Souberam, logo, que aquilo lhes havia sido ensinado pelo falcoeiro, a quem o sátrapa mandou chamar, e ele se apresentou com um falcão às mãos. A mulher lhe disse: “ai de ti! acaso me viste no estado com que intentas me detrair?” Respondeu: “sim!” Então o falcão o falcão atacou-o e lhe arrancou os olhos com as garras. Disse-lhe a mulher: “Deus apressou a punição por causa de tua mentira contra mim, pois alegaste ter visto o que não viste, e prestaste falso e infundado testemunho contra mim”.

Além de esta história nos mostrar um grande exemplo de um homem que trai ao seu benfeitor mais de uma vez [ao tentar dormir com a esposa deste e ao elaborar um estratagema para denegrir a imagem da esposa deste benfeitor], ela nos mostra o quão perigoso pode ser elaborarmos planos que coloquem grandes coisas, como a vida de alguém, em risco.

Tanto essas fábulas que fazem parte do microuniverso quanto a fábula central que compõe o macrouniverso de Kalila e Dimns se caracterizam dentro de uma das definições de traição que conhecemos.

Conclusão

Com a leitura de todas essas obras, realmente ficou bem clara a intensidade do medo que o homem, desde sempre, tem da traição, mais especificadamente da traição adúltera, onde, em quase todos os casos literários esta é executada por uma mulher, o que revela ao mesmo tempo um machismo histórico persistente e um medo masculino de ser traído pelo seu par.

Bibliografia

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia** – Inferno. São Paulo: Editora 34, 1998.

ALMUQAFFA, Abdullah Ibn. **Kalila e Dimna**. Tradução de JAROUCHE, M. M. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Editorial Paulus, 2002.

Livro das mil e uma noites, volume I: ramo sírio / Anônimo. Tradução de JAROUCHE, M. M. São Paulo: Globo, 2006.

SEGANFREDO, Carmen. **As melhores histórias da mitologia japonesa**. Porto Alegre: Artes Ofício, 2011.

SOUSTELLE, Jacques. **Os astecas na véspera da conquista espanhola**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.